

# IDEOLOGIA INDUSTRIAL X CULTURA RURAL: O MÉTODO SESI DE ENSINO EM UMA ESCOLA RURAL

*Gislaine Cristina Pavini<sup>1</sup>*

*Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante<sup>2</sup>*

*Dulce C. A. Whitaker<sup>3</sup>*

**Resumo:** O texto compara duas práticas educativas: a Escola do Campo e o método SESI de Ensino, e demonstra a inadequação do último às escolas rurais, ilustrando com o caso de uma escola rural à qual foi imposto o referido método em 2012. As bases epistemológicas de uma educação dialógica para o campo são colocadas, para criticar as práticas de um método cuja origem na Ideologia Industrial e no consumismo provoca verdadeira invasão cultural, no sentido "Paulofreiriano", inviabilizando o diálogo dos alunos entre os modos de vida do campo e os da cidade – diálogo que garantia aproveitamento escolar na situação anterior, suprimida arbitrariamente pelo poder político. Para este texto, foram utilizadas diferentes pesquisas sobre as duas situações comparadas, especialmente dissertações que avaliaram o projeto Escola do Campo, implantado em Araraquara em 2004, uma dissertação sobre o método SESI de Ensino que abordou seu novo material didático, tendo sido igualmente feita uma avaliação do conteúdo dos livros de História, Geografia, Ciências e Matemática para a 6ª série, escolhidos por amostragem representativa. É, portanto texto teórico, mas não ensaístico, uma vez que parte de situações concretas, explicadas a partir de pesquisas sobre os temas implícitos e resume os procedimentos analíticos que

---

<sup>1</sup>Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – Centro Universitário de Araraquara – UNIARA.

<sup>2</sup>Socióloga, Pesquisadora 1A CNPq, Coordenadora do PPG em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, Centro Universitário de Araraquara – UNIARA. [mestrado@uniara.com.br](mailto:mestrado@uniara.com.br)

<sup>3</sup>Socióloga, pesquisadora do CNPq e Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Educação Escolar – FCL/UNESP – Araraquara/SP.

permitiram desvendar no material preparado pelo SESI, o estímulo e a valorização do consumo, sem críticas e sem preocupações com o meio ambiente.

**Palavras-chave:** Escola Rural; Método SESI; Projeto Político-Pedagógico.

***Abstract:** This study compares two educational practices: the Rural School method (Escola do Campo) and the SESI teaching method, suggesting that the latter one is inefficient when applied to rural schools, as illustrated with a case study of a rural school that was obliged to adopt this method in 2012. The epistemological basis of a dialogical pedagogy for rural education has been used in order to criticize the practices of a method whose origins in the industrial ideology and in consumerism promotes a true cultural invasion, according to Paulo Freire, hindering the students' dialogues with respect to the ways of life in rural areas and in towns – an interaction that assured school performance in the previous educational system, which has been arbitrarily discontinued by the political power. Different surveys were used in this study for both compared cases, specially dissertations that have evaluated the Rural School project (Projeto Escola do Campo), adopted in Araraquara in 2004, a dissertation about the SESI teaching method that has discussed its new didactic material and, also, an evaluation of the contents of a representative sample of textbooks of History, Geography, Sciences and Mathematics for the 6th grade of elementary school. It is a theoretical text, not an essay, considering that it is based on concrete situations, which were explained using researches on the implicit themes and summarizes the analytical procedures that have allowed to unveil, in the textbooks prepared by SESI, the stimulus and the valorization of consumerism, without any criticism and environment concerns.*

**Keywords:** Rural School; SESI Method; Political-pedagogical Project.

## **Introdução**

O processo ensino-aprendizagem, quando eficiente, implica em complexo jogo dialético entre dois tipos de conteúdos que se interpenetram: as informações (e a formação) que se pretende sejam adquiridas pelo educando, e os conhecimentos que esse educando formou ao longo dos anos, dentro de sua classe social, no espaço social por ele vivenciado ou em sua trajetória histórica.

Podemos então, como Piaget (1966), considerar os esquemas de assimilação

do educando, ou ampliando essa visão, pensar em educação dialógica como Paulo Freire (2006). E podemos ampliar ainda mais essa circunstância pensando na evolução sócio-histórica percorrida pelo aprendiz, conforme Vigotsky (1964). Para qualquer desses três gigantes da epistemologia, os conhecimentos que a criança traz do seu ambiente cultural são fundamentais no processo de ensino-aprendizagem.

Ora, em uma sociedade dividida em classes sociais, com espaços culturalmente diferenciados e/ou situações ideologicamente diversas, há um fator importante a ser considerado: crianças e adolescentes das classes privilegiadas urbanas levam para a escola - em constante processo de atualização - um tipo de conhecimento que funciona como Capital Cultural porque, segundo Bourdieu e Passeron (1975), rende "dividendos" na situação escolar, já que carrega os esquemas de assimilação previstos pelo currículo. Ou seja, consciente ou inconscientemente, com ou sem diálogo explícito, os professores utilizam esses esquemas e sofrem a ilusão de que estão ensinando com eficiência porque esses alunos são mais inteligentes.

Quanto às crianças de outras classes e/ou espaços sociais, também são ricas em conhecimentos e soluções práticas para os problemas que enfrentam no cotidiano. Mas este acervo não é reconhecido pela escola urbanocêntrica e etnocêntrica e então não se constitui em Capital Cultural e raramente entra em relação dialógica com os conteúdos escolares - o que não será tão difícil se o professor estiver preparado para promover as conexões e a dialética entre os dois tipos de conhecimento.

O que vamos apresentar aqui é a análise de um caso em que tais conexões estavam sendo estabelecidas pelo esforço dialógico concretizado na experiência Escola do Campo em Araraquara – experiência suprimida pela imposição do Método SESI de ensino, um método construído a partir de uma ideologia urbano-industrial e centrado no consumo dos seus produtos<sup>4</sup>.

A análise desse método, conforme pretendemos demonstrar, revela não ser ele apropriado à aprendizagem nem mesmo das crianças e adolescentes de periferias urbanas.

Cumpra lembrar aqui que a escola capitalista criou uma falsa dicotomia entre "cultura rural" e "cultura urbana" como se não fôssemos todos historicamente produtos do mesmo processo sócio histórico. Há também um certo senso comum que pensa a educação escolar sendo capaz de "fixar" o homem ao campo,

---

<sup>4</sup>Para o conceito de ideologia aqui utilizado veja-se Marx e Engels (1986).

esquecendo os determinantes socioeconômicos do êxodo rural. Essa falsa dicotomia está superada. A função da Escola é ensinar os conteúdos importantes à sobrevivência na contemporaneidade, deixando ao aluno a opção de sair ou permanecer no campo, opção que será multideterminada.

Para a construção deste texto foram utilizados dados de diferentes tipos de estudos, sendo os principais:

a) duas dissertações que avaliaram o projeto Escola do Campo, implantado em Araraquara em 2004<sup>5</sup> (Feng, Lee. 2007; Bastos, Valéria.2005)<sup>6</sup>

b) uma dissertação sobre o método SESI de Ensino que abordou seu novo material didático com base principalmente no livro de exercícios "Muitos textos... tantas palavras" (6ª série)<sup>7</sup>

c) e como ponto de apoio, realizada para este texto, uma análise do conteúdo dos livros de História, Geografia, Ciências e Matemática, para essa mesma série, complementando dados acima.

Os livros da 6ª série foram escolhidos como amostragem representativa do método SESI, por terem sido projetados para alunos de 11/12 anos, transição para a adolescência - momento de aprender a fazer escolhas e a tomar decisões (Jersild-1963).

## **Experiências Históricas da Escola do Campo**

Para que se compreenda o caráter estranho da imposição do método SESI numa área rural, necessitamos um breve retrospecto das preocupações históricas com a escolarização das crianças e adolescentes que animam governos e educadores em diferentes partes do mundo e que alcançaram o Brasil paralelamente ou mesmo antes do surgimento das Casas Familiares Rurais na França no período entre guerras. Assim, a Educação do Campo tal como implantada nas escolas rurais de Araraquara em 2004 e que foi recentemente suprimida para adoção do Método SESI não foi obviamente uma decisão isolada

---

<sup>5</sup>Feng, Lee, Projeto Educação do Campo: estratégias e alternativas no campo pedagógico. Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, UNIARA, Araraquara, 2007

<sup>6</sup>Bastos, Valéria A Educação do campo e formação continuada de professores(as). As contribuições do projeto-pedagógico. Mestrado em Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto USP, 2005

<sup>7</sup>Pavini, Gislaíne Cristina O método SESI de ensino na Escola do Campo: A controversa chegada do estranho. Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. UNIARA, Araraquara, 2012.

de um governo municipal. Além de ser determinada pela então recente LDB (Lei 9394/96), havia sido largamente discutida por diferentes setores convocados para seu planejamento. Vale lembrar que a necessidade de uma escolarização a partir de temas diferenciados para os habitantes da zona rural tem sido equacionada por diferentes autores (Passador 2003, Bezerra 2010, Paulo Freire 1975, Whitaker 2008, Feng 2007 entre outros) e se insere em preocupações com aprendizagem e em avaliações favoráveis de experiências implantadas em muitos países europeus.

Ultrapassaria limites e objetivos deste artigo, equacionar as nuances teóricas diferenciadas pelos diversos autores. Cumpre lembrar apenas que uma constante atravessa todas as propostas quando se afirma que os conteúdos curriculares a serem ministrados aos estudantes do campo não seriam diferentes daqueles ministrados na cidade variando, no entanto, o ponto de partida da aprendizagem, com o aproveitamento dos saberes locais.

Esclarecido esse ponto crucial, situaremos agora algumas experiências em escolarização específica para o campo observadas ou a partir da História e que avaliadas positivamente em trabalhos defendidos no campo científico, reforçam nossas análises críticas em relação à imposição do método SESI, verdadeira "invasão cultural", tal como conceituada por Paulo Freire (Freire – 1974) quando implantado na zona rural.

Cláudia Souza Passador, em tese de doutorado defendida na Faculdade de Educação da USP, estudou os diferentes aspectos da escola família e da pedagogia da alternância (Passador 2003) fenômeno que surgiu na França e se espalhou por vários países da Europa e da América Latina, (chegando ao Brasil).

A tese de Passador é referência para compreensão das razões que levaram à criação das Maisons Familiaes Rurales que surgiram em 1937 em Lauzon sede do Cantão de LOT e Garone (Passador 2003). Situa seus criadores, a crise que assolava o meio rural, e igualmente o movimento histórico desencadeado por essa instituição, equacionando as exigências do processo, o qual se baseava na participação da família, ou melhor, no diálogo entre escola e família – intermediado pelos jovens rurais envolvidos pela pedagogia da alternância<sup>8</sup> o que exigia professores e monitores com o conhecimento técnico em ciências agrárias, qualificação pedagógica e familiaridade com o meio agrícola (Passador 2003).

---

<sup>8</sup>Para mais detalhes sobre o processo ver Passador 2003 ou Feng 2007.

A expansão dessa instituição é tão notável quanto pouco conhecida: mais de quinhentas *Maisons* na França e a adoção do sistema em 22 países (Passador 2003) confirmam o sucesso da experiência, que seria adotada no Brasil – as Casas Familiares Rurais, com uma iniciativa já em 1976 no Espírito Santo, voltada à formação do técnico em agropecuária, a qual, segundo Passador sofreu ainda influência italiana.

Mas entre as várias vertentes da escola família, com ou sem período de alternância Claudia Passador optou por estudar as soluções encontradas no estado do Paraná, sem esquecer que o modelo se espalharia pelos Estados do Sul (Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e que a pedagogia da alternância já criava ao momento da sua defesa do doutorado cerca de mil centros no mundo, com experiências em diferentes países.

Em suas avaliações sobre dois pequenos municípios do Sudoeste do Paraná aponta aspectos positivos para os diferentes ângulos pesquisados e afirma;

A Casa Familiar Rural desperta nos agricultores novas formas de vivenciar a agricultura, minimizando as agressões ambientais e diminuindo o problema da dependência de fatores externos (...) articulando a realidade das comunidade agrícolas com o processo de ensino fundamental e médio (Passador 2003, p. 42)

No Brasil, o projeto Escola do Campo começou a se dinamizar no Paraná, em 1989 quando pequenos produtores se depararam com o problema de que não havia escola de ensino médio que formasse os filhos de agricultores atendendo à sua realidade e às suas necessidades. Naquele momento estavam enfrentando dificuldades econômicas nas pequenas propriedades rurais, o que levava muitos trabalhadores a saírem do campo, buscando uma melhora de vida. (BEZERRA, 1999).

Por iniciativa da prefeitura da cidade de Barracão (sudoeste do Paraná), houve várias reuniões entre os agricultores e a comunidade local, formando a Associação Regional das Casas Familiares Rurais (ARCAFAR), surgindo assim, no Paraná, a primeira escola que atendia aos princípios do Projeto Educação do Campo. No ano seguinte, houve um primeiro grupo de jovens da zona rural a ter acesso à formação em agricultura. O projeto Educação do Campo vem justamente do programa de apoio do governo do Paraná às Casas Familiares Rurais (CFR) (LEE, 2007, p.38).

Importante chamar aqui a atenção para outra avaliação de Passador

Em outras palavras, o projeto "Escola do Campo - Casa Familiar Rural" capacita os jovens do campo a imprimir qualidade e competitividade aos

seus produtos e a auferir, inclusive, a renda necessária à obtenção da qualidade de vida no campo. Além disso, o Projeto leva aos jovens da zona rural os conceitos de cidadania e conhecimentos para que possam se tornar os "novos agricultores", valorizados como responsáveis pela produção de alimentos e pela preservação do meio ambiente (PASSADOR, 2003).

Segundo Haygert (2000 apud PASSADOR, 2003, p. 65), a pedagogia da alternância ocorre em três grandes fases nas Casas Familiares Rurais: interesse e motivação, aquisição de novos conhecimentos, experiências ou novas realizações.

Podemos ver isso também em Freire (2005), que afirma ser importante utilizar conteúdos curriculares que façam parte da realidade dos alunos, para que a temática seja significativa. Sua visão epistemológica, no que se refere às construção do conhecimento vai ao encontro das diretrizes que animam os projetos de Educação do Campo, uma vez que autores diversos enfatizam a troca de saberes entre o jovem que traz o conhecimento técnico da escola e os pais, que possuem um "saber próprio" parte importante do seu universo cultural (GRZYBOWSKI, 1987) Assim para Paulo Freire:

É importante reenfatar que o tema gerador não se encontra nos homens isolados da realidade, nem tampouco na realidade separada dos homens. Só pode ser compreendido nas relações homem-mundo. Investigar o tema gerador é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis.(...) Quanto mais assumam os homens uma postura ativa na investigação de sua temática, tanto mais aprofundam a sua tomada de consciência em torno da realidade e, explicitando sua temática significativa, se apropriam dela (FREIRE, 2005, p. 114).

Assim, a Casa Familiar Rural consegue respeitar o conhecimento rural agregando-o à busca de necessidades tecnológicas que facilitaram o trabalho do campo, melhorando a produção e aumentando a qualidade de vida da família desse jovem agricultor. Porém, as famílias agricultoras com filhos que passaram pela Casa Familiar Rural estão tecendo um território familiar diferenciado da organização tradicional da família agrícola. A mudança que então se estabelece é, principalmente, a da condição do jovem rural que passa a ter a oportunidade de argumentar e demonstrar saídas para a reprodução familiar dentro da realidade contemporânea que vivenciam.

Os filhos que passam pela Casa Familiar Rural adquirem um saber que

proporciona melhor rendimento da propriedade familiar e a possibilidade de agregar valor ao que ali é produzido. "Em razão disso, legitimam para si uma relativa autoridade dentro do grupo familiar, já que através desse novo saber aumentam a possibilidade de manter e mesmo ampliar o patrimônio familiar" (PASSADOR, 2003, p. 69). Situação que não pode ser interpretada como expressão de uma forçada permanência no campo, ao contrário, abre um leque de opções entre permanecer no campo e dar continuidade à tradição familiar ou partir para a luta em outros espaços sociais.

### **A Educação do Campo em assentamento rural**

Feng (2007) discutiu as propostas e estratégias do Programa Escola do Campo implantado na EMEF Hermínio Pagotto, dentro do Assentamento Bela Vista do Chibarro no município de Araraquara. A partir da abordagem do projeto pedagógico desta escola e das vertentes políticas que a norteiam, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, Diretrizes Curriculares Nacionais, Referências Para uma Política Nacional de Educação no Campo, surgiram algumas questões que foram problematizadas no decorrer de um artigo escrito com Ferrante:

As estratégias de ensino impactam positivamente a comunidade assistida? Este processo educacional ajuda a amenizar o quadro de problemas da educação rural? Este modelo difere das outras propostas educativas em quais pontos? (FENG; FERRANTE, 2008, p.07).

O Projeto Educação do Campo foi instaurado em 2004 pela Prefeitura Municipal de Araraquara em seu município e foi desenvolvido em três escolas da zona rural. Funciona com uma proposta pedagógica de ensino no campo, que pretende estimular o aluno, evitando problemas como abandono, altos índices de repetência e choques culturais. Para que isso ocorra, essa proposta educativa segue diversos princípios que abrangem a formação do sujeito através de projetos de emancipação humana, valorização de diversos saberes no processo educativo e também o respeito perante os espaços e tempos de formação dos sujeitos da aprendizagem, considerando com isso, uma estratégia possível de desenvolvimento sustentável. Os autores nos mostram claramente essa ideia:

Põe-se, portanto, como perspectiva de transformação da educação tradicional, a qual se pauta, segundo Whitaker (1992) por vieses urbanocêntricos, voltados para os conteúdos que informam e são informados no processo de

urbanização; sociocêntricos, por privilegiar a cultura relativa ao mundo ocidental, a chamada racionalidade do capitalismo, fortemente atrelada ao avanço científico e tecnológico (FENG; FERRANTE, 2008, p. 196).

É importante que os professores entendam que é necessário perceber e compreender o contexto sociopolítico dos pais e alunos, mantendo atenção constante sobre a sua prática, seus resultados e consequências. Para esses professores, não é fácil implementar relações inovadoras no processo de ensino-aprendizagem, pois isso requer estímulo da reflexão e criatividade para renovar os procedimentos e posturas de ensino. A maior dificuldade que os docentes enfrentam é em relação às mudanças no procedimento de ensino e avaliação porque se sentem inseguros e sem subsídios, pois não sabem se devem se desfazer de tudo aquilo que vêm aprendendo durante sua carreira profissional, opção para a qual não recebem estímulos ou perspectivas de gratificação.

As matérias promovidas pelo projeto pedagógico precisam ampliar o conhecimento, identificar pontos frágeis e pontos fortes a partir da experiência da prática docente; apontar caminhos para o aprimoramento das práticas pedagógicas e possibilitar a aproximação e troca de experiências entre os docentes. (FENG; FERRANTE, 2008, p. 210)

Se o projeto Educação do Campo mostrou a necessidade de adequações, referentes às peculiaridades da vida no campo, à integração entre o calendário escolar e as fases do ciclo agrícola, foi possível constatar, no entanto, o apoio da comunidade assentada ao programa Escola do Campo e a valorização da identificação dos lugares vivenciados nos espaços do assentamento.

As aulas de Matemática tomavam como referência, por exemplo, situações concretas experimentadas pelos assentados na compra e venda de produtos. Aulas de Ciências e Geografias tinham, como parâmetro, estratégias de manejo do solo e do cultivo das sementes.

Ainda mais, verificou-se a importância desta educação diferenciada dentro do assentamento, pois com ela, a taxa de evasão escolar diminuiu além da escola se integrar com a comunidade, não apenas como uma instituição de ensino, mas também como um ponto de encontro de saberes e de fazeres. (FENG, 2007)

Estudos realizados têm demonstrado que a educação rural no processo de seu desenvolvimento não deve se restringir a um ensino técnico, como muitos querem promover. Existe a necessidade de uma educação que promova o

desenvolvimento dos saberes, de forma a permitir que os alunos tomem suas próprias decisões sobre a sua profissão futura, sem perder sua identidade, cultura e história de vida.

Apresentado o sistema Escola do Campo e dois exemplos que ilustram sucesso com a experiência, observa-se que a construção do conhecimento é trabalho contínuo e apoiado nas estruturas prévias que o aluno possui para consolidar a aprendizagem. Ou seja, ao abordar as práticas culturais da zona rural, o professor está partindo dos esquemas de assimilação da criança e preparando o terreno para a dialogicidade que permite articular a eles os conteúdos escolares.

Por isso há a preocupação de uma pedagogia que valorize a sabedoria e a beleza da cultura acumulada dos que trabalham na terra, tornando a aprendizagem dos conteúdos específicos, significativa (WHITAKER, 2008). Assim, o novo conhecimento (o conteúdo escolar) se articula com "estruturas cognitivas previamente desenvolvidas" (MOREIRA, 1999, p. 156)

O Projeto Escola do Campo, tenta facilitar a aprendizagem dos alunos que vivem no campo, demonstrando que a importância do conteúdo utilizado pela escola deve partir da realidade desses alunos o que não só pode como deve, ser articulado ao "arbitrário cultural dominante" ensinado na escola (BOURDIEU & PASSERON, 1975).

Estabelecida assim em linhas gerais, as bases de uma epistemologia esclarecedora de um ensino – aprendizagem dialético e dialógico, vejamos em que consiste o método SESI que foi imposto à Escola do Campo em ARARAQUARA para substituir esse tipo de Educação.

### **O Método SESI observado através do Livro do Aluno**

O método SESI é aplicado através de uma coleção de livros específicos para cada série e para cada disciplina, complementados por um livro de atividades. O método está portanto consubstanciado nos livros e não implica adoção explícita de qualquer paradigma pedagógico. Basta ao professor, utilizar os livros em suas atividades, o que implica em por em ação a metodologia subjacente.

Segundo a proposta do Método SESI, o livro do aluno é elaborado com atividades desafiadoras. Encontra-se organizado de forma a provocar o diálogo, a reflexão, o debate e a exposição dos diferentes pontos de vista dos alunos, sempre com a mediação do professor, sem, no entanto, tirar a autonomia dos alunos (SESI/SP, 2010). Vejamos se o método realmente garante essa autonomia.

Em Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós Graduação da

UNIARA em 2012, a autora analisou algumas técnicas desenvolvidas no livro "Muitas Textos: Tantas Palavras", avaliando conteúdos e tentando captar objetivos. Vamos elencar e ampliar aqui alguns dos seus achados que apontam para a inadequação entre propostas do SESI e a criança da zona rural<sup>9</sup>.

Em primeiro lugar há que ressaltar a boa qualidade dos livros adotados, não só no que se refere ao excelente material utilizado<sup>10</sup>, como também em relação aos conteúdos, de nível elevadíssimo, sugerindo um público alvo portador de invejável volume de Capital Cultural. Assim, no livro de História da 6ª série (supondo crianças de 11/12 anos de idade) encontramos logo no início um excelente texto sobre a "Evolução do homem segundo a ciência", no qual o aluno toma conhecimento de termos como *Australopithecus anamensis* e enfrenta as dúvidas sobre o *Homo Sapiens Neanderthalensis* (pg. 13), tema difícil até mesmo para estudantes de ensino médio. E à pg. 133 vai ler e interpretar um trecho da *Ilíada* de Homero, adaptado por Haroldo Campos que se inicia como segue "No peito hirsuto do Peleide a angústia assoma" (Campos – 2001 apud SESI História 2010). Realmente, não se pode acusar os autores de subestimarem o Capital Cultural da clientela.

Os livros são divididos em unidades, sendo que em cada unidade será trabalhado um tema. E ainda em cada unidade, encontramos diferentes técnicas. Vejamos algumas delas.

**A. Roda de conversa:** com esta técnica, pretende-se que o aluno demonstre seu conhecimento prévio sobre o assunto.

Por meio da oralidade, o professor deve diagnosticar o nível de conhecimento dos estudantes, determinando a profundidade em que a abordagem da unidade será trabalhada. Pretende-se obter referenciais para novas e mais profundas aquisições de conhecimento. Vejamos um exemplo, quando o professor trabalha com o ensino de Paródias.

---

<sup>9</sup>Nossos estudos sugerem que essa inadequação não se aplica somente ao mundo rural. Em outros espaços sociais (que apenas tangenciaremos) ela também se evidencia.

<sup>10</sup>No caso das escolas municipais de Araraquara, os livros são pagos pela Prefeitura, que adotou o método para todo o sistema no município. (mais ainda não tivemos acesso aos custos desse material).



**Figura 1** – Livro didático de Língua Portuguesa SESI

**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2012.

Na figura 1, encontramos as seguintes propostas: "Assista a um trecho do filme que será mostrado pelo professor. Depois, em grupo, discutam quais são as diferenças entre o texto original e o filme" e "Ainda em grupo, discutam se há algum motivo para essas diferenças existirem". Aqui percebe-se que o planejamento do texto tenta criar esquemas de assimilação para um tema através da projeção de um filme que será "mostrado pelo professor". O equívoco está em que tais esquemas se formam nas estruturas da inteligência e do conhecimento ao longo de uma trajetória anterior, na vivência, na cultura, na classe social e no espaço em que se desenrola o processo sócio-histórico do qual participam os sujeitos envolvidos, sendo impossível criá-los por imposição.

Analisamos, através da observação participante, os efeitos da referida técnica e registramos o seguinte em Diário de Campo.

"Durante o acompanhamento das aulas, normalmente, os alunos não tinham a mínima noção nem conseguiam levantar hipóteses sobre o assunto que o livro trazia, por serem temas muito distantes da sua realidade".

"Podemos acompanhar a aplicação dessa aula nessa roda de conversa proposta pelo livro e quando questionados sobre os filmes "Deu a Louca na

Chapeuzinho" e "Shrek", somente alguns alunos que já moraram na cidade conheciam ou já viram algo referente a eles, o que despertou pouco interesse da maioria dos alunos da sala, situação explicada pelo modo de vida, cultura e valores" Fonte: dados da pesquisa, 2012.

Outro problema diagnosticado é que grande parte dos livros, filmes e obras de arte citados e trabalhados no material do SESI, são exemplos norte-americanos, tornando os textos ainda mais distantes da realidade dos alunos, neste caso, filhos de assentados de Reforma Agrária, com trajetórias marcadas pela luta política em torno da terra.

**B. Desafio:** esta técnica propõe atividades de leitura e escrita de conhecimentos contidos nas diversas áreas do currículo.

Contém propostas de atividades diversificadas, sendo que sua seleção está articulada com a especificidade de cada área do conhecimento. Esse item pode ser "desdobrado", termo usado no material do SESI, em diferentes níveis de dificuldade como revisão de texto, estudo de texto, reflexão, debate, pesquisa de campo. As atividades podem ser trabalhadas associadas ou independentes do livro-texto (*Muitos textos... Tantas palavras*), mas sempre com o objetivo de desenvolver as expectativas de ensino-aprendizagem em cada área, levando-se em conta o desenvolvimento dos alunos<sup>11</sup>.

Essas atividades são, na maioria, perguntas para serem respondidas dissertativamente e também quadros para serem completados, orientações para construção de algum objeto, atividades com música, leitura de imagens.

Analisemos uma dessas atividades: uma interessante e inteligente tira referente ao personagem Calvin de Bill Waterson, bastante popular nos meios universitários em nosso país.

---

<sup>11</sup>Pode-se ainda investigar, avaliando as crianças no que se refere à aprendizagem, se as sutilezas de uma paródia e o jogo de palavras "par-odiando" – título da "Roda de Conversa" serão facilmente apreendidos e estimulantes para qualquer criança da 6ª série.



**1** Observe a tira abaixo e responda às questões.



WATTERSON, Bill. *O mundo é mágico: as aventuras de Calvin e Haroldo*. São Paulo: Conrad, 2007. p. 52.

**Figura 2** – Livro didático de Língua Portuguesa SESI  
Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

Nossa análise desvela: Calvin dá um bom exemplo de observação e faz excelente pergunta. A resposta do pai é mais apropriada ao mundo adulto, por dois motivos:

- 1) É irônica, e crianças têm dificuldades para decodificar ironias;
- 2) Nunca se deve colocar informações erradas durante o processo de aprendizagem. A criança tem seus próprios "erros" – resultantes do estágio de desenvolvimento da sua inteligência. Esses "erros" sim, devemos aproveitar porque podem se constituir em esquemas para assimilar o "certo". (Piaget 1966).

Ideologicamente a tira também é prejudicial, pois aprova a modernidade das "relações líquidas"<sup>12</sup> situações em que os pais envolvidos em "sociabilidades eletrônicas" não encontram tempo para dar atenção aos filhos.

A ironia do último quadrinho é a "pá de cal" na relação "liquidificada". Mensagem? Competição é a palavra chave. Não conte com a solidariedade do adulto ou do sistema (E nem do seu próprio pai).

<sup>12</sup>Para o concito de amor líquido ou verdade líquida (veja-se Bauman (2004)).

C. **Saiba mais:** essa técnica tem por objetivo indicar fontes de informação que ampliem o repertório do aluno a respeito do que foi tratado em cada unidade.

Isto é, visa estimular o aluno a buscar novos conhecimentos ou aprofundar os temas aprendidos por meio de leituras (livros, artigos científicos, reportagens, documentos históricos), filmes, *sites com atividades*, CDs, documentários, visitas a exposições, museus, laboratórios.

Mas os exemplos vistos nas figuras seguintes mostram como o material estudado remete constantemente o aluno a conteúdos da indústria cultural norte-americana. Nada contra a influência norte-americana no Brasil. Mas há boa literatura juvenil nos Estados Unidos. Em textos de Mark Twain, por exemplo, encontraríamos pontos de referência com nosso mundo rural. Mas que tal nosso Monteiro Lobato com sua visão revolucionária da infância?<sup>13</sup>

Mas não: a paródia é sobre Harry Potter... Já Harry Potter é em si uma sublitteratura cheia de clichês que afastam as crianças da boa literatura – aquela que reflete sobre o mundo. Felizmente esse tal bruxinho não chegou à zona rural. E nem às periferias urbanas. Quem vai decodificar as ironias da paródia anunciada? Esperemos que, ao menos, os professores se divirtam, ao fazê-lo.

E o que querem com Chapeuzinho Vermelho? O interessante arquétipo da ingenuidade feminina mergulha suas raízes no folclore medieval. Por que não trabalhar a simbologia do arquétipo ao invés de patrocinar sua degradação?

---

<sup>13</sup>Observar que em Lobato, crianças morando no sítio - sem pai ou mãe - aprendem o conhecimento científico a partir do feminino – a avó e a natureza.

### **Barry Trotter e a paródia cara-de-pau**

Autor: Michael E. Gerber

Editora: Planetário

Durante anos, leitores do mundo todo ficaram maravilhados com as incríveis peripécias de Barry Trotter e seus amigos. Contadas nos livros de enorme sucesso da escritora J.G. Rollins, as batalhas de Barry contra o desagradável Lorde Vadermat transformaram o bruxinho no ídolo de milhões de jovens frouxos. Um dia Barry recebe de Calvo Dandemole, o diretor da escola, uma difícil missão: impedir que Hollywood produza um filme baseado nos livros do bruxinho. Afinal, se já é difícil manter a escola escondida dos frouxos, agora imagine se fizerem um filme contando sua localização!



**Shrek**, Estados Unidos, 2001.

Direção: Andrew Adamson

Distribuidora: DreamWorks

Animação dirigida por Andrew Adamson e Vicky Jensen, com roteiro de Ted Elliott, Terry Rossio, Joe Stillman e Roger S. H. Schulman, conta a história de Shrek, um ogro solitário, que vive em um pântano distante e vê, sem mais nem menos, sua vida ser invadida por uma série de personagens de contos de fada, como três ratos cegos, um grande e malvado lobo e ainda três porcos, que não têm um lugar onde morar.



### **Figura 3 – Livro didático de Língua Portuguesa SESI.**

**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2012.

Mais uma vez como citado anteriormente, a maioria dos alunos do assentamento não conhecem "Shrek". E nesse momento, os professores têm que buscar adaptar o tema proposto à realidade dos alunos ou buscar exemplos que lhes sejam mais próximos, o que nem sempre conseguem, já que, ficou esquecido o Projeto Escola do Campo.

Observem que essas situações estão muito distantes da realidade vivenciada pelos alunos. Será que a educação do campo não merece ter uma melhor adaptação à sua realidade? Para tornar a aprendizagem mais significativa, é necessário atender às necessidades e interesses dos alunos, como coloca Freire (2005):

Por isto é que não podemos, a não ser ingenuamente, esperar resultados positivos de um programa, seja educativo num sentido mais técnico ou de ação política, se, desrespeitando a particular visão do mundo que tenha ou

esteja tendo o povo, se constitui numa espécie de "invasão cultural", ainda que feita com a melhor das intenções. Mas "invasão cultural" sempre (FREIRE, 2005, p. 99).

Um problema encontrado no desenvolvimento das atividades propostas pelos livros é a prática da ampliação do conhecimento do aluno através de constantes pesquisas à internet. A internet acabara de chegar à agrovila, não atingindo ainda aos lotes, onde moram muitos alunos da escola. Dentro da escola a internet funciona normalmente, porém é necessário um rodízio das classes para o uso da sala de informática, o que dificulta as constantes consultas à internet, como propõe o material para maior parte dos exercícios.

Uma pesquisa com os professores revelaria ainda suas queixas. Sobrecarregados, com uma carga horária pesada necessária à ampliação dos seus magros salários, acrescentam a isso, o tempo gasto em buscas eletrônicas às quais são obrigados, já que os textos trazem questões em aberto e não existe um livro do professor que lhes possa suavizar a tarefa.<sup>14</sup>

Ao analisarmos o livro de Português, pudemos observar que havia muita interpretação de texto com questões dissertativas e pouca gramática. Mas a reclamação dos alunos e professores é que grande parte dos textos apresentados, além de nunca trazerem como tema a realidade dos alunos no assentamento, apresentam conteúdos que dificultam o entendimento, como podemos observar abaixo, em uma unidade do livro, que nos interessou por ser bastante criativa, já que estimular os alunos a cozinhar corresponde a uma prática cultural em alta para qualquer classe social. Mas vejamos se tal estímulo parte de algum elemento concreto da vida das crianças do campo.

Temos de início a Roda da Conversa que, teoricamente estaria agitando a "base" da articulação entre o conhecimento antigo e o novo. Nela se discute uma obra (realmente "discutível") de um artista plástico pouco conhecido, exposta na Galeria Sanson em Nova Iorque. (figura 4) Será que alguma criança ou

---

<sup>14</sup>Segundo informaram os professores da rede municipal que adotou o sistema SESI, tais recursos existem sim, mas apenas para os professores do SESI, que possuem SENHA para a entrada na internet exatamente no "sítio" em que se encontram todas as respostas. Importante lembrar aqui que não somos contra a atividade de busca de respostas a questões instigantes por parte de qualquer tipo de professor. O que se passa é que no caso de Araraquara em questão, os professores não contam com horário remunerado para atividades, um dos motivos pelo quais fizeram uma greve em 2012.

adolescente brasileiro já ouviu falar dessa galeria?

Observe-se nessa mesma figura a questão abstrata proposta. É paradoxal? O paradoxo se desfaz quando analisando a receita que se segue, desvendamos a ideologia do consumo de alimentos industrializados, cujas empresas evidentemente influenciam a construção desse material didático.

Por que não se discute a subnutrição, a fome no mundo ou o valor de uma alimentação natural? Porque obviamente nada disso interessa aos patrocinadores do sistema SESI.

## Com açúcar e com afeto



MUNIZ, Vik. *Medusa Marinara*. 1999. Prato de cerâmica, 32 cm. Galeria Samson, Nova Iorque.

**Figura 4** – Livro didático de Língua Portuguesa SESI.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

## ESPAGUETE À MARINARA

Tempo de preparo: 40 minutos

Porções: 6

Valor nutritivo por porção:

- 480 cal
- proteínas = 30 g
- gordura = 15 g
- hidratos de carbono = 50 g
- fibra dietética = 5 g
- colesterol = 225 mg

### INGREDIENTES

- 12 mexilhões frescos
- 60 ml de vinho branco
- 60 ml de caldo de peixe
- 1 dente de alho esmagado
- 375 g de espaguete
- 30 g de manteiga (ou margarina)
- 125 g de corpos de lulas pequenas, em fatias
- 125 g de filé de peixe branco sem espinhas, cortados em cubos
- 200 g de camarões crus, descascados e sem a tripa
- 30 g de salsa fresca picada
- 200 g de amêijoas de lata, escorridas

**Figura 5** – Livro didático de Língua Portuguesa SESI.

**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2012.

Observem alguns dos ingredientes: mexilhões frescos (onde encontrá-los na zona rural, mesmo na Califórnia brasileira; vinho branco (item de dietas sofisticadas); caldo de peixe (?); lula, peixe branco e camarões). O mais chocante, porém está no molho, que além de azeite e vinho branco, exige ainda tomates enlatados, para crianças cujos pais produzem tomates em suas hortas e quintais.

Uma pesquisadora acompanhou a aplicação dessa unidade na sala de aula, e observou a dificuldade até da professora em explicar aos alunos quais eram os frutos do mar encontrados na receita. Nesse dia, a sala de informática estava reservada para outros professores e a professora não pode fazer uso da internet para pesquisa, o que tornou difícil para os alunos conhecerem o conteúdo da receita e interpretá-la.

## MODO DE PREPARO

- Remova as brânquias dos mexilhões e escove a areia. Jogue fora os que estiverem abertos ou estragados.
- Para fazer o molho de tomate, aqueça o azeite num tacho médio, junte a cebola e a cenoura e cozinhe em fogo médio durante 10 minutos. Junte a malaguetta, o alho, o tomate, o vinho branco, o açúcar e a pimenta-de-caiena e cozinhe durante 30 minutos, mexendo de vez em quando.
- Enquanto isso, aqueça  $\frac{1}{4}$  de taça de vinho branco com o caldo e o alho numa panela grande e junte os mexilhões fechados. Tape o tacho e agite-o sobre fogo forte de 3 a 5 minutos. Em seguida, retire os que abriram e reserve-os. Cinco minutos depois, jogue fora os que não se abriram e reserve a mistura de vinho.
- Cozinhe o espaguete numa panela grande com água salgada fervente até ficar *al dente* (cozido de modo a apresentar certa rizeza à mastigação). Escorra e mantenha quente. Derreta a manteiga numa frigideira, junte as argolas de lula, o peixe e os camarões e frite durante 2 minutos. Reserve. Junte a mistura do vinho que estava reservada, os mexilhões, as lulas, o peixe, os camarões, a salsa e as amêijoas ao molho de tomate e reaqueça em fogo brando.
- Delicadamente, misture o molho com a massa e sirva imediatamente.

**Figura 6** – Livro didático de Língua Portuguesa SESI.

**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2012.

A análise do modo de preparo desvela ainda um mundo hostil em que mexilhões podem estar abertos, fechados ou "estragados" e no qual surgem amêijoas que não foram explicadas. Como desvendar tais misteriosos processos?

Este conteúdo, apresentado pela receita com o uso de enlatados, contraria a realidade vivida pelos assentados que produzem seus alimentos, a partir das condições na qual vivem: tomates, mandioca, abóbora, couve-flor, brócolis são algum desses alimentos e com eles se pode fazer a ponte para uma gastronomia sofisticada, sem a imposição de receitas derivadas do mundo empresarial.

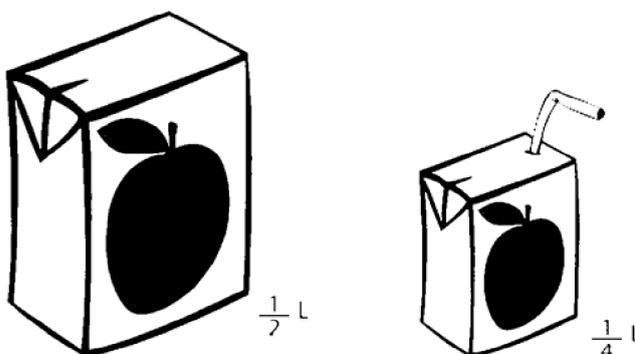
Veja-se, por exemplo, o caso da abóbora – alimento tradicional na culinária do cotidiano brasileiro – e que hoje conquistou espaço na gastronomia sofisticada de restaurantes de luxo. E, com alto índice de Betacaroteno que se transforma

em Vitamina A. Com um item assim se pode realmente transmitir conhecimento científico a qualquer criança, em qualquer espaço social.

A ideologia do alimento industrializado (comida ruim, como diria Bové,2003) atravessa todas as disciplinas.

Em Matemática, por exemplo, encontramos nos exercícios e exemplos, conteúdos totalmente industriais, como hambúrguer e suco engarrafado, o que dificulta contextualizar as atividades do dia a dia para facilitar a aprendizagem. Obviamente, nenhuma crítica é feita às embalagens e aos prejuízos que causam ao meio ambiente. Com estes exemplos, já podemos sugerir que o método está voltado para a produção e competitividade. Integram os objetivos da educação realizada pelo SESI-SP: habilitar o trabalhador para o contexto de suas atividades rotineiras e profissionais, formular estratégias focadas no atendimento das indústrias, segundo as especificidades dos segmentos produtivos.

Ao preparar o aluno com essa formação, em princípio estaria preparando o consumidor. Tais diretrizes vão na contramão do Projeto Escola do Campo, que respeita a opção do aluno pela terra, permitindo que ele escolha o rumo a tomar na sua trajetória posterior. Sabendo-se que escola do campo estudada é de Educação Básica e a clientela atendida por ela, é na maioria de famílias que vivem na zona rural, fica contraditório utilizar um método que se direciona ao trabalhador industrial, e que usa como um ponto de partida elementos de um espaço cultural distante da vida dessas crianças, seja por questões de sofisticação dos costumes ligados à nossa modernização reflexa (Ribeiro.1970) seja por imposições ideológicas ligadas à dominação do rural pelo urbano – tudo no interesse das indústrias que sustentam o sistema econômico.



**Figura 7** – Livro didático de Matemática SESI.

**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2012.

## **A imposição do "estranho"**

A análise da amostragem do material utilizado pelo método SESI evidencia a força ideológica que permeia os conteúdos curriculares naquela situação, em que pesem as boas intenções dos especialistas que os selecionaram. O material não "pretende", como se pensou a princípio, preparar as crianças, filhos de operários, para se tornarem operários, como seus pais. Disto se encarrega o sistema como um todo. A intenção subjacente às técnicas empregadas é a de transformá-los em consumidores, eliminando a crítica que normalmente desperta na adolescência.

Mas o foco deste texto refere-se muito mais a uma questão epistemológica, ou seja cognitiva. Por tudo o que já se avançou em conhecimento sobre a natureza da aprendizagem, o método em questão é inadequado a qualquer criança ou adolescente, que vivencie espaços socioculturais, distantes da subcultura pseudosofisticada do industrialismo. Em espaços rurais, essa inadequação é gritante, uma vez que não se levam em consideração os estímulos cognitivos dados pela natureza, tal como se praticou no sistema Escola do Campo, com aproveitamento dos esquemas de assimilação da criança. A imposição de uma ideologia valorizadora do consumo tem ainda o agravante de reforçar agressões ao meio ambiente fazendo crescer a produção e a acumulação do Capital, acusando as vítimas que ingenuamente se deixam levar pelas sugestões e seduções dos "tomates enlatados". Em nenhum momento encontramos críticas às embalagens cuja produção devasta o meio ambiente.

Mas temos que reconhecer que seria "pedir muito" ao sistema, exigir essa crítica. E para não ficar apenas na crítica negativa, veja-se o excelente livro de matemática da 6ª série, que abre com algarismos egípcios e babilônicos e apresenta elogiáveis gráficos inteligentes, concretizando o raciocínio. Pois bem! O capítulo sobre frações se inicia com "embalagens" de 500 gramas (ou 600). Pululam embalagens de hamburgers, achocolatados, mel, entrega de pizzas em caixas. Não encontramos frutas, legumes ou alimentos frescos em nenhuma operação com frações ou decimais.

## **Considerações finais**

O assentamento expressa complexidades e diversidades do meio rural, a criação de um novo modo de vida pleno de particularidades que se desdobram... O que significa imprimir nesta realidade plena de paradoxos um método de ensino padronizado a partir de uma realidade industrial? Não se trata de defender a retomada de dicotomias que insistem em fragmentar a realidade. O problema é

que o método SESI se apropria das especificidades da realidade dos assentamentos, moldando-a a partir de um viés urbanocêntrico. Podemos compreender isso, em Whitaker (2008):

A valorização da escola é forte no meio rural. Segundo nossa experiência, os pais anseiam que seus filhos aprendam na escola, aquilo que eles não podem ensinar. Ou seja, toda parte "universal" da cultura que fornece os instrumentos para lutar contra a expropriação e as falácias de que são vítimas. Realmente a escola do campo não precisa ensinar os conteúdos da vida rural (...) O que se propõe, portanto, quando se fala hoje em educação para o campo não é uma volta à razão dualista e sim um avanço em direção à razão dialética. A escola do campo precisa incorporar a valorização de modos de vida e os conhecimentos sobre os processos de trabalho, não para ensinar aos homens do campo, mas para aprender com eles (...). Assim, a necessidade de uma educação diferenciada para o campo (ou para qualquer espaço social que não recebe as benesses do modo de produção, mas apenas sua exploração) refere-se apenas aos pontos de partida da ação pedagógica, que deve levar em conta exatamente o aspecto sócio-histórico dos grupos aos quais pertencem os educandos (WHITAKER, 2008, p. 299-300).

Em suma, constatamos dentre os problemas e principais entraves: o material não apresenta conteúdo significativo para a aprendizagem do aluno, o que gera dificuldade para o processo de ensino; o professor tem que adaptar o material do SESI às necessidades do campo, o que nem sempre é possível; a proposta do sistema SESI orienta o professor para trabalhar os conteúdos, mas, em nenhum momento, foi encontrado no material, algum elemento que faça parte da realidade do aluno do campo. Por se tratar de um material voltado para a indústria, é nítido o estímulo à competição, o que contraria o Projeto Escola do Campo, que incentiva a cooperação. Outro problema encontrado ainda é em relação à questão ambiental, pois os exemplos utilizados nos exercícios referem-se a embalagens longa vida e enlatados. Além disso, o material didático utilizado pelo aluno compõem oito livros consumíveis, descartados todo final do ano. Ou seja, oito livros são descartados por ano. (por aluno).

De um lado, a pesquisa aponta problemas, ainda que deva ser levado em conta o relativo curto período de aplicação do método SESI. Enquanto órgãos municipais procuram supervalorizar este método, apontando-o como responsável

por avanços educacionais permanecem problemas detectados na contribuição obtidas pelas nossas análises.

Do ângulo institucional, valoriza-se a ampla utilização de ferramentas educacionais, como lousa digital e os laboratórios de informática. Argumenta-se igualmente ser plenamente favorável a visão dos pais e alunos em relação ao método, pois incorpora mais pesquisa e aumenta a participação da família na escola. Retórica que não corresponde aos resultados das pesquisas que vêm sendo desenvolvidas, as quais mostram o limitado acesso à internet por parte dos assentados e o risco de se perder a riqueza dos códigos culturais e práticas tradicionais que fazem dos assentamentos uma realidade plena de contradições, mas uma presença viva na história da sociedade brasileira.

## Referências

BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BEZERRA NETO, L. **Sem Terra aprende e ensina**: estudo sobre as práticas educativas do movimento dos trabalhadores rurais. Campinas: Autores Associados, 1999.

BOURDIEU, P. e PASSERON J. C. **A Reprodução**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1975.

BOVÉ, J. & DUFOUR. F. **O mundo não é uma mercadoria**: camponeses contra a comida ruim. São Paulo: Ed UNESP, 2001.

BRASIL, MEC. CNE/CEB. **Educação Básica do Campo**. Disponível em: [HTTP://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica&catid=-323](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica&catid=-323). Acesso em: 13 jul.2010.

CAMPOS, H. de. **Iliada de Homero in SESI**: História. Movimento do aprender, 2010.

FENG, L. Y. FERRANTE, V. L. S. Projeto educação do campo: estratégias e alternativas no campo pedagógico. **Retratos de Assentamentos**. Araraquara, v. 1, n. 11, p. 195-224, 2008.

\_\_\_\_\_**Projeto Educação do Campo: estratégias e alternativas no campo pedagógico.** 82 f. Dissertação- (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente). UNIARA, Araraquara, 2007.

FREIRE, P. **A Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GRZYBOWSKI, Cândido. **O saber dos Camponeses em face do saber dos técnicos.** Rio de Janeiro: FASE, 1987.

JERSILD, ARTHUR T. **Psicologia da Adolescência.** São Paulo: Nacional, 1963.

MARX, K. & ENGELS, F. **A Ideologia Alemã.** São Paulo: Hucitec, 1986.

MOREIRA, Marco Antonio - A teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel. In: **Teorias da Aprendizagem.** São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, EPU, 1999. Cap. 10, p. 151-165.

PASSADOR, C. S. **O Projeto Escola do Campo (1990-2002) do Estado do Paraná: capital social, redes e agricultura familiar nas políticas públicas.** 154 f. Tese (Doutorado em Educação), USP, São Paulo, 2003.

PIAGET. J. **Seis Estudos de Psicologia.** Rio de Janeiro: Forense, 1967.

SANTOS BEZERRA, M. C. **Educação para o campo em discussão: Reflexões sobre o programa Escola Ativa,** São José Premier 2011.

VIGOTSKY, L. S. **Lenguaje y pensamiento** Buenos Aires: Laurato, 1964.

WHITAKER, D. C. A. O rural urbano na Escola Brasileira: ensaio de interpretação sociológica in Travessia: **Revista do Migrante** v.5, n.12, p. 30-35, Jan./Abril 1992.

\_\_\_\_\_**Educação Rural: da razão dualista à razão dialética: Retratos de Assentamentos,** n 11, 2008.